

Carlos Zacarias de Sena Jr.. Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-48). São Paulo, Annablume, 2009. 390 p. ISBN 978-85-391-0032-3.

Originalmente concebida como tese de doutorado, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a obra analisa a trajetória do Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre os anos de 1936 e 1948. Tendo como foco a linha política da União Nacional e a estratégia de revolução democrático-burguesa e de libertação nacional defendida pelos pecebistas na conjuntura da luta antifascista e da Segunda Guerra Mundial, *Os impasses da estratégia* conta a história dos comunistas numa das circunstâncias mais importantes de sua existência.

Para a realização do livro, foram privilegiadas informações referentes à Bahia, o que é uma iniciativa relevante no sentido de observar experiências fora do centro e do sul do país. Dessa maneira, embora não pretenda encerrar qualquer discussão sobre o assunto, *Os impasses da estratégia* contribui para valorizar a atuação dos pecebistas em situações menos conhecidas, revelando a importância dos comunistas baianos para a reorganização do PCB após as prisões decorrentes do levante fracassado de 1935 e ao longo do Estado Novo.

O autor utiliza como fontes os documentos que orientavam a linha do partido, recolhidos em arquivos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador. A utilização de registros do próprio partido como fonte tem sido observada com desconfiança por membros da academia, que apresentam como

argumento o fato de que tais documentos poderiam dar margem a interpretações equivocadas a respeito do que realmente ocorreu, devido ao seu alto grau de parcialidade. Porém, é preciso lembrar que nada do que se pode utilizar como fonte está isento desse tipo de limitação. No caso da análise da trajetória de um partido de esquerda, como é o caso da pesquisa de Sena Jr., os documentos produzidos pela própria agremiação não são apenas aproveitáveis, mas fundamentais para obter os resultados da investigação empreendida pelo autor. Cada fonte tem suas especificidades, exigindo do historiador que cruze e critique as informações trazidas pelo que não foi consumido pelo tempo, num engenhoso trabalho de investigação, a fim de desenvolver o seu estudo. Nesse sentido, Sena Jr. foi bastante feliz em sua pesquisa, produzindo um trabalho consistente e de referência para demais estudiosos do PCB.

Baseando-se nos acontecimentos que se sucederam no Brasil naqueles anos, o autor empreende uma análise crítica da atuação dos comunistas na conjuntura da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o PCB se recuperou da derrota de 1935, quando quase foi destruído, ascendeu como partido legal com presença nacional, liderado pelo único dirigente político cuja popularidade se equiparava à de Getúlio Vargas — Luiz Carlos Prestes —, e logo foi novamente lançado na clandestinidade. Assim, Sena Jr. procura construir um painel que abarca esse intervalo histórico, contex-

tualizando as oscilações da linha do PCB desde a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) como Frente de Libertação Nacional para a insurreição militar de 1935, da tática da União Nacional antifascista contra Vargas para o apoio a esse mesmo político em 1945. Abordam-se também a legalização do PCB, as eleições de 1945 e de 1947 e, novamente, a cassação da legenda do partido, passando pela ascensão dos movimentos de massas antifascistas, a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, a aproximação dos pecebistas com Getúlio Vargas, o golpe de 29 de outubro de 1945, a ascensão do movimento grevista de 1945-1946, o anticomunismo e a Guerra Fria — enfim, aspectos mais importantes da conjuntura da Segunda Guerra Mundial.

Apresentando a hipótese de trabalho de que o fio condutor para a explicação da política do PCB foi a relação do partido brasileiro com o PC russo, *Os impasses da estratégia*, conforme o próprio título sugere, não descarta que a União Nacional, ou Frente Única Antifascista, fosse pensada pelos comunistas não somente como uma tática, mas como uma possível estratégia para defender a democracia da reação e do avanço do capitalismo. Essa postura provocou a necessidade de preservação da aliança com as demais forças antifascistas (liberais, conservadores moderados), levando o PCB a persistir durante todo o ano de 1946 na defesa de uma coalizão democrática, mesmo com todo o anticomunismo e até contra boa parte dos anseios da classe trabalhadora, que vivenciava a sua maior ascensão grevista desde a conjuntura de 1917-1919.

Dada a natureza de seu objeto de investigação, para articular o seu trabalho

Sena Jr. recorre a autores de obras clássicas sobre o comunismo no Brasil, como Edgar Carone, José Antônio Segatto e os brasilianistas John Foster Dulles e Ronald Chilcote. O autor também utilizou como referências trabalhos mais recentes, como os de Marcelo Ridenti, Dulce Pandolfi e Luís Zimbar, além de obras memorialísticas de ex-membros do partido, como Gregório Bezerra e o baiano João Falcão. Também foram utilizadas produções bibliográficas de marxistas como E. P. Thompson, Eric Hobsbawm e Antonio Gramsci e textos de figuras históricas como Lenin, Josif Stálin e o próprio Marx, referências fundamentais e indispensáveis num trabalho com esse tema. Sena Jr. empresta de Gramsci o conceito de “crise de hegemonia” para definir a investida da reação sobre os comunistas na conjuntura pós-Estado Novo, pois as classes dirigentes do país haviam dado indícios de que estavam em vias de fracassar no seu projeto de manter o consentimento das classes subalternas, com a possibilidade cada vez mais concreta de ascensão do proletariado. Levando-se em consideração que se constitui uma crise de hegemonia quando a classe econômica dominante perde o controle da sociedade civil, havendo no interior do bloco histórico um acirramento de conflitos, pode-se dizer que a compreensão de Sena Jr. em relação a esse conceito gramsciano está correta. No entanto, a maneira como o autor de *Os impasses da estratégia* o empregou em seu trabalho é passível de controvérsias. Sem dúvida, a atmosfera de triunfo sobre o fascismo, no exterior, com base numa aliança entre os Estados Unidos e a União Soviética, e da qual o Brasil participara, ajudou a melhorar a reputação do Partido Comunista dentro do país. Entretanto, é problemático afirmar que as classes dominantes

estavam em vias de perder sua dominação. Por mais que o contexto no governo do general Dutra fosse de ascensão de greves, as reivindicações dos trabalhadores se referiam a necessidades mais imediatas, e não à contestação do sistema como um todo, o que não comprometia de forma substancial a hegemonia das camadas dirigentes.

O livro está dividido em seis capítulos. No primeiro, intitulado “Sob o signo da derrota”, Sena Jr. verifica as condições sob as quais foram produzidas as primeiras avaliações dos comunistas acerca do levante de 1935, identificando os dirigentes comunistas que haviam sido presos e a direção do PCB que se reorganiza em 1936. O partido então inflexiona sua linha política, considerando necessária a aliança com os setores da “burguesia progressista”, também chamada “burguesia nacional”, mas sem abandonar a luta pela derrubada de Getúlio Vargas. É interessante conferir neste capítulo a caracterização feita pelo autor dos sucessivos deslocamentos da direção comunista para o Nordeste. A princípio radicado em Recife, o Secretariado Nacional do PCB achou por bem não permanecer numa cidade tão vigiada como a capital pernambucana, e se retirou para Salvador em agosto de 1936. A partir da capital baiana, seriam tomadas as decisões relativas à adesão à linha programática em defesa da revolução democrático-burguesa, a ser seguida nos anos posteriores. Favoreceu as atividades dos comunistas o fato de que o governo estadual de Juracy Magalhães estava muito mais voltado à vigilância contra as atividades da Ação Integralista Brasileira, especialmente em resultado da pouca atuação que os comunistas tinham em Salvador até meados dos anos 1930.

No segundo capítulo, “No caminho das ruas”, Sena Jr. analisa o momento em que o Comitê Regional da Bahia (CR-BA), reorganizado em fins dos anos 1930, assume a tarefa de reconstruir o PCB nacionalmente, tendo realizado um grande trabalho junto à juventude, onde liderava o movimento estudantil, tanto na entidade nacional (UNE) quanto na estadual, a Associação dos Estudantes da Bahia (AEB). O autor discute as articulações do CR-BA e a realização da Conferência do Nordeste, quando o PCB na Bahia dá um importante passo para se constituir como alternativa viável de reorganização dos comunistas no Brasil. Nesse sentido, a revista *Seiva*, editada na Bahia, se converte no mais destacado veículo de propaganda política antifascista no país a partir de 1941, com o afundamento dos navios brasileiros pelos submarinos alemães e o primeiro movimento de massas relacionado às lutas antifascistas no Brasil.

No capítulo seguinte, intitulado “Nas fronteiras da legalidade”, Sena Jr. prossegue analisando o papel da revista *Seiva* partindo da discussão de seus artigos mais importantes, verificando a dinâmica que os comunistas pretendiam imprimir ao antifascismo no Brasil. Também aparece neste terceiro capítulo a realização da Conferência da Mantiqueira em 1943, um marco na reorganização dos pecebistas no período, ocasião em que foi reafirmada a União Nacional e o apoio a Vargas como principal bandeira do partido. Um dado significativo que aparece neste capítulo é o esforço dos comunistas em apresentar sua palavra de ordem mediante personalidades insuspeitas, reconhecidamente não comunistas e de prestígio nacional, em torno da proposta da Frente Nacional Antifascista, pela anistia e a União Nacional. Um desses

personagens foi o ex-deputado autonomista Luiz Viana Filho, que declarou seu apoio à União Nacional em fevereiro de 1942.

No quarto capítulo, “A utopia possível”, discutem-se os primeiros sinais de anticomunismo dos grupos conservadores que se articulavam no Brasil, com a proximidade do fim do Estado Novo e a saída de Vargas do governo. É possível conferir neste capítulo o momento da luta pela anistia, a legalidade da legenda do PCB e as tentativas dos comunistas de concretizarem a União Nacional em torno de uma solução “pacífica” para os problemas nacionais, levando os pecebistas à defesa de uma política de “ordem e tranquilidade” e de “apertar os cintos”, embora os trabalhadores começassem a organizar as primeiras greves por melhores condições de vida e salários. No final deste capítulo, é narrado o episódio da deposição de Vargas, no golpe de 29 de outubro de 1945.

No capítulo seguinte, “Sob o domínio do medo”, o autor procura entender como os comunistas avaliaram os primeiros meses de legalidade e das eleições, circunstância em que o Partido Comunista estava prestes a se tornar um grande partido de massas. O PCB continuava a aglutinar pessoas de todas as classes sociais, o que mostrava sua capacidade em se constituir como um partido de grande expressão eleitoral. Entretanto, forças políticas contrárias ao PCB se articulavam no país, compostas pelos partidos que representavam os grupamentos tradicionais da política brasileira. Nesse sentido, Sena Jr. relata o esforço dos comunistas buscando ser compreendidos, uma vez que os partidários de Prestes começaram a notar suas limitações organizativas. Agravaria esse

quadro o fato de que os comunistas sofreram mais represália com a deposição de Vargas do que os membros do governo, tendo suas sedes invadidas pela polícia, um prenúncio da cassação do registro do partido em 1947. Também aparece neste capítulo o aumento de ocorrência de greves em todo o país a partir de 1946, quando, segundo o autor, explode a incompatibilidade de interesses entre a burguesia e os trabalhadores. A partir de então, apesar de se manterem favoráveis à “ordem e tranquilidade”, os comunistas passaram a apoiar as greves, assumindo que ter considerado as paralisações como “desordem” e “agitação” havia levado o partido a certa “passividade”, o que dificultava a ligação com as massas.

No último capítulo, “A estratégia no impasse”, o autor discute os impasses da tática e da estratégia do PCB diante do anticomunismo, da reação e da ascensão das greves. É verificado de que maneira a burguesia no Brasil lançou uma grande ofensiva contra a existência legal do Partido Comunista, alegando ser essa uma agremiação perigosa para a democracia e para a ordem nacional. Embora os pecebistas continuassem defendendo a democracia e conclamassem todas as forças políticas a batalharem juntas por esse objetivo, era cada vez mais difícil constituir qualquer unidade entre comunistas e liberais. É interessante apreciar neste capítulo a experiência do PCB baiano na “invasão” do Corta-Braço, em Salvador, as eleições complementares de janeiro de 1947 e a postura anticomunista assumida na Bahia pelo jornal *A Tarde*. Por fim, lemos no livro de Sena Jr. o encadeamento de fatos que acabou levando à cassação do registro do PCB. O autor conclui, assim, que a União Nacional, depois de proporcionar ao

Partido Comunista seus melhores e fugazes instantes de glória, levou o PCB à sua primeira grande derrota ante os desafios que estiveram colocados no país.

De acordo com Sena Jr., os pecebistas trataram as demandas dos trabalhadores com ambiguidade, o que determinou o avanço da reação e do discurso anticomunista. Embora o PCB passasse então a assumir uma postura menos conciliadora, segundo o autor, por outro lado a situação já estava definida em função da Guerra Fria, significando que os ajustes táticos promovidos pelos comunistas demandariam tempo para que a possibilidade de vitória fosse novamente colocada na ordem do dia. Pode ser reducionista afirmar que a postura do PCB determinou o avanço do anticomunismo. À época, o partido se preocupava em consolidar a democracia, incluindo a defesa da ordem e da tranquilidade, para que nada ameaçasse a recente e inédita legalidade alcançada pelos comunistas. Entretanto, o anticomunismo foi uma reação de nível internacional, contra a qual o PCB nada pôde fazer. No seu período de legalidade, o partido procurou desenvolver organismos de ligação entre os comunistas e as massas, dentre os quais podemos citar os Comitês Populares Democráticos. Dessa forma, tentava aproximar-se das classes subalternas e organizá-las; porém, esse é um processo que exige tempo, e o PCB dispôs de somente dois anos de existência legal até ter o seu

registro novamente cassado em 1947. Portanto, sendo tais as circunstâncias, parece que o PCB adotou a tática mais acertada em defesa de sua legalidade, pois assumir uma postura menos conciliadora num momento em que a democracia acabara de ser restabelecida, depois de sete anos de ditadura, provavelmente apenas levaria o partido a ser reprimido com maior antecedência.

Contudo, afora essas pequenas ressalvas, sem dúvida Os impasses da estratégia foi resultado da corajosa iniciativa de ressaltar a importância dos comunistas baianos para a reorganização de um partido supostamente nacional e centralizado, num contexto de intensa efervescência política. Por meio de seu livro, Carlos Zacarias de Sena Jr. nos faz entender as sucessivas mudanças na linha política do PCB, desde a Aliança Nacional Libertadora em 1935 até a defesa da presença de Getúlio Vargas no poder, dez anos depois. Percebemos o porquê de tantos ziguezagues na trajetória desse partido em busca da tática mais acertada para a revolução. Após a leitura de Os impasses da estratégia, compreendemos, sobretudo, o papel fundamental do PCB e dos comunistas baianos para a reconstrução da democracia no Brasil, na conjuntura do Estado Novo. É um trabalho que inspira debates sobre assuntos pertinentes a esse tema e conjuntura tão ricos, como o antifascismo, o governo Vargas, a revolução democrático-burguesa, a ditadura e a democracia.



Raquel Oliveira Silva

Mestranda em História Social
Universidade Federal da Bahia